

METÁFORA E MULTIMODALIDADE: O SENTIDO RESULTANTE DA INTERAÇÃO VERBAL/IMAGÉTICO*¹

Autora: Natália Elvira Sperandio – Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Presenciamos, cada dia mais, textos que utilizam em sua construção diferentes modos semióticos, como por exemplo, a imagem, o som, as cores; ou seja, textos que são produzidos a partir da integração de elementos que são proporcionados pelo advento das novas tecnologias. Neste contexto, esta pesquisa tem como proposta analisar a forma pela qual o verbal e o imagético atuam na construção de sentido de um texto digital, ou seja, de que forma eles se articulam na construção desse texto e, em consequência, na construção de seu sentido. Para tal, utilizaremos como base teórica os estudos de Forceville (2009) sobre metáfora multimodal em conjunto com a proposta da multimodalidade de Kress e Van Leeuwen. Como forma de trabalharmos essa interação temos como corpus um texto digital: a charge animada.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora, multimodalidade, charge.

INTRODUÇÃO

É cada vez mais comum nos depararmos com textos que são produzidos a partir da articulação do verbal e imagético. Como afirmam Kress e Van Leeuwen (2001) na era das tecnologias e na cultura ocidental os textos estão cada vez mais multimodais, sendo esse momento denominado pelos autores de *New Writing*. Nessa perspectiva os autores advogam que diversos modos semióticos são articulados ao mesmo tempo no processo de elaboração, conferindo-lhes significados específicos. Este contexto multimodal tem influenciado diversas áreas de estudos, não sendo diferente com os trabalhos dedicados à metáfora. No entanto, o que podemos observar, a partir da literatura a ela dedicada, é que ainda há um número pequeno de pesquisas interessadas a abordar o processo metafórico além do plano verbal. Diante disso, este trabalho busca demonstrar a forma pela qual o verbal e o imagético articulam-se na construção de sentido de um texto digital. Para isso, tomaremos como base teórica a proposta da metáfora multimodal, já que acreditamos que essa metáfora seja uma importante ferramenta na análise de um texto multimodal. Para nossa análise buscamos um texto digital, já que com o advento das novas tecnologias, e as ferramentas por ela proporcionadas, temos a possibilidade de articularmos diferentes modos semióticos, como por exemplo, o som, a imagem, as cores; e nada melhor do que as charges animadas, já que nessas temos a possibilidade de vislumbramos a articulação desses diferentes modos em sua construção.

¹ * EVIDOSOL e VII CILTEC – Online – junho/2013 – <http://evidosol.textolivre.org>

1 A MULTIMODALIDADE

Com a proposta da multimodalidade, desenvolvida por Kress e Van Leeuwen (2001), temos a criação de conceitos multimodais que podem ser utilizados em análises de textos que são produzidos a partir de diversos modos de linguagem, sem que para isso se pense separadamente em cada um deles. Ao contrário, os autores reivindicam que se pense em uma linguagem constituída como multimodal, onde os sentidos sejam resultado da relação textual estabelecida a partir dos diferentes modos utilizados na sua constituição.

Kress e Van Leeuwen (2001) têm argumentado que na era das tecnologias e na cultura ocidental os textos estão cada vez mais multimodais, sendo esse momento denominado pelos autores de New Writing. Nessa perspectiva os autores advogam que diversos modos semióticos são articulados ao mesmo tempo no processo de elaboração, conferindo-lhes significados específicos. De acordo com os autores, a paisagem semiótica da comunicação tem sofrido grandes transformações e essas transformações têm afetado as formas e as características dos textos que estão cada vez mais multimodais, com a coexistência de diferentes níveis semióticos, como, por exemplo, o visual, sonoro, gestual, etc.

Podemos observar que, em todas as esferas da vida social, houve uma crescente utilização de textos multimodais na produção de significados. A partir disso, podemos pressupor que este contexto tem influenciado diversas áreas de estudo que têm mudado o foco sobre textos exclusivamente verbal. Seguindo este raciocínio, podemos considerar que não seria diferente com os estudos metafóricos, já que uma teoria da metáfora não pode basear-se apenas nas manifestações verbais, isso poderia resultar em uma visão parcial do que a constitui. Diante disso, precisamos de uma proposta que aborde as metáforas que são construídas não apenas pelo modo verbal, mas aquelas que são construídas entre os diferentes modos que constituem um texto multimodal. Essa proposta é encontrada nos trabalhos de Forceville sobre metáfora multimodal.

Antes de adentrarmos na proposta da metáfora multimodal é necessário fazermos uma breve apresentação da Teoria da Metáfora Conceitual de Lakoff e Johnson (1980), pois essa é a base do trabalho de Forceville (2009).

2 METÁFORA CONCEITUAL

A metáfora sempre despertou interesse entre filósofos e especialistas em retórica. Na tradição era vista como ornamento linguístico, uma figura de linguagem. No entanto, a partir de 1970, ela passa a ter seu valor cognitivo reconhecido, deixando de ser uma simples figura de retórica para uma operação cognitiva fundamental.

Lakoff e Johnson (1980) lançaram “Metaphors we live by” que produz uma revolução nos estudos sobre metáfora por assumir como tese central a pressuposição de que a metáfora é onipresente e essencial na linguagem e no pensamento. A metáfora passa a fazer parte do cotidiano das pessoas não apenas na linguagem, mas também nas ações e no pensamento na medida em que todo sistema conceitual ordinário, sistema através do qual pensamos e agimos, passa a ser concebido como predominantemente metafórico por natureza.

Como, na maioria das vezes, pensamos e agimos automaticamente, uma das formas de descobirmos o funcionamento desse sistema é através da linguagem, já que nossa comunicação é baseada no mesmo sistema que utilizamos para pensar e agir. A partir desse pressuposto, Lakoff e Johnson examinam expressões linguísticas buscando

encontrar evidências da predominância metafórica de nosso sistema conceitual e, ao identificar metáforas que estruturam nossa maneira de agir, pensar e perceber; defendem essa categoria como uma forma de compreender e experienciar uma coisa em termos de outra.

3 A METÁFORA MULTIMODAL

Charles Forceville (2009) recorre à Teoria da Metáfora Conceitual para desenvolver sua proposta de metáfora multimodal. Para o autor a conceitualização de Lakoff e Johnson (1980) de que a metáfora consiste na compreensão e experiência de um tipo de coisa em outra evita a utilização das palavras verbal e linguística, mas essa teoria, de acordo com Forceville, reivindica a existência de metáforas conceituais detectáveis exclusivamente na forma verbal.

O autor faz a diferenciação entre metáfora monomodal e multimodal. A metáfora monomodal é definida como aquela que alvo e fonte são exclusivamente ou predominantemente processados em apenas um modo. Por outro lado, a metáfora multimodal é aquela em que alvo e fonte são representados exclusivamente ou predominantemente sobre diferentes modos. De acordo com Forceville (2009) a qualificação “exclusivamente ou predominantemente” é necessária, porque as metáforas não-verbais frequentemente possuem fontes e/ou alvos que são construídos sobre mais de um modo simultaneamente.

4 ANÁLISE

Passemos agora para a análise de nosso corpus. Esse é composto pela charge “O ogro e o Burro” que foi produzida no ano de 2010, especificamente no mês de julho. Essa charge retrata um episódio no qual há o diálogo entre o ex-presidente da CBF, Ricardo Teixeira, e os antigos técnicos da seleção brasileira e argentina, respectivamente Dunga e Maradona. Como forma de retratar esse episódio o autor da charge, Maurício Ricardo, recorre ao domínio de um filme infantil, neste caso ao filme Shrek. Assim, tendo como base teórica a teoria da metáfora conceitual de Lakoff e Johnson (1980), podemos considerar que estamos diante de uma metáfora, já que há a utilização de um domínio fonte, o filme, na conceitualização de um domínio alvo, o futebol. Abaixo apresentamos a charge a ser analisada:



Presidente Shrek, ser demitido tudo bem, mas à distância, tchê? Foi sacanagem!



Burro, você tava queimado com a imprensa! Você deu muito coice!



Mas tu podia ter falado comigo antes!



Eu fui até a concentração! Mas os seguranças me barraram!



Tá, tá, exagerei um pouco no isolamento, tchê! Quem vai entrar no meu lugar!



Tô estudando os nomes... entrevistando candidatos...



Yo puezzo entrar?



Você? Técnico da nossa seleção?





Charge retirada do site: www.charge.com.br

Podemos observar claramente, a partir da charge acima, que há a utilização de um filme na construção de uma cena que possui como tema a seleção brasileira e sua derrota na copa de 2010. Assim, temos o domínio do futebol, que é ativado a partir de elementos presentes tanto no nível verbal quanto no imagético, e o domínio do filme Shrek, que também vai além do verbal com elementos construídos a partir do imagético. Temos, portanto, as palavras burro, Shrek, gato, pântano e floresta, presentes no modo verbal; mais a imagem de Shrek, burro e gato que nos remetem ao domínio do filme. Enquanto que as palavras seleção, presidente, concentração, técnico, confederação, boleira; mais as imagens do apito, da camisa da seleção, do cabelo branco (que nos remete ao ex-presidente da CBF), do cabelo espetado do burro (que nos remete a Dunga), da barba, terço e paletó do gato (que nos remetem a Maradona) que constroem o domínio do futebol. A partir desses elementos podemos inferir os seguintes mapeamentos: Shrek é mapeado para Ricardo Teixeira, Burro para Dunga e Gato para Maradona.

Tendo como base teórica a proposta de Forceville (2009) podemos inferir que como cada um dos domínios presentes na construção do sentido da charge acima são construídos a partir da sobreposição de dois modos semióticos, neste caso o verbal e o imagético, estamos diante da denominada metáfora não-verbal, já que nessa temos fontes e/ou alvos que são construídos sobre mais de um modo simultaneamente.

CONCLUSÃO

A partir de nosso estudo foi possível observarmos que a metáfora não se materializa apenas pelo plano verbal, mas entre o verbal e o imagético, ou seja, que a metáfora pode ser codificada a partir dos diferentes modos que compõem um determinado discurso multimodal.

Acreditamos que a proposta da metáfora multimodal, como abordada por Forceville (2009), seja um caminho acadêmico promissor de como analisar outros aspectos do discurso multimodal, já que, como Kress (2011) advoga, é impossível compreendermos os textos, até mesmo suas partes linguísticas, sem ter uma ideia clara de como esses e outros elementos contribuem para o seu significado. Dessa forma, a proposta de Forceville (2009) pode ser considerada uma forma de se analisar o texto multimodal, já que a partir dela podemos observar que a imagem não apenas completa o verbal, mas ela está conectada com o verbal na construção do sentido.

REFERÊNCIAS

- FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. In: FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI, Eduardo. (Eds). Applications of cognitive linguistics: Multimodal Metaphor. New York: Mouton de Gruyter, 2009. p.19-42
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEM, Theo. Reading Images: grammar of visual designer. London: Routledge, 1996.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication. London: Oxford University Press, 2001.
- KRESS, Gunther. Multimodality: challenges to thinking about language. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3587959>. Acesso em: 19 ago. 2011.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. Metaphors we live by. Chicago: University of Chicago Press, 1980